

SERÁ QUE A CRENÇA DE ALGUNS PAÍSES EM RELAÇÃO À CIÊNCIA, PODE INTERFERIR NA VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19?

Ana Clara Godoy

Júlia Calliari

Vacina é um preparado químico com substâncias que são introduzidas no corpo de uma pessoa ou de um animal, com o objetivo de desenvolver imunidade a uma determinada doença. Elas são produzidas a partir do próprio agente causador da doença (antígeno), que é colocado em nosso corpo de forma atenuada ou enfraquecida. Apesar de não causar a doença, as formas atenuadas e inativadas do antígeno são capazes de estimular nosso sistema imunológico para a produção de anticorpos específicos da doença.

Desde o fim de 2019, o mundo soube da existência de uma nova doença infecciosa, a Covid-19. Essa doença é causada pelo SARS-COV-2, um vírus da família do coronavírus. Essa doença tem os seguintes sintomas: falta de ar, febre, tosse e em alguns casos, perda de paladar e olfato. Em outros casos, o indivíduo infectado com o vírus não tem nenhum tipo de sintoma, ou seja, depende de pessoa para pessoa. Os mais atingidos pela doença são, em sua maioria, a população mais velha ou aqueles que já têm doenças respiratórias, doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) como diabetes, hipertensão ou pressão alta. Por causa disso, é necessário que uma vacina seja desenvolvida e produzida o mais rápido possível, para evitar muitos óbitos por essa doença.

Existem vários países próximos de desenvolver a vacina contra a Covid-19. Um dos mais próximos é a China, que pretende expandir a vacina que

desenvolveram pelo mundo. Os chineses desenvolveram essa vacina e fizeram uma parceria com o Instituto Butantan, em São Paulo. O composto foi desenvolvido usando o mRNA: RNA mensageiro, ácido nucleico que tem “instruções químicas” para codificar proteínas virais.

Outro país próximo de desenvolver a vacina é a Rússia, que já chegou a testar a vacina na população, mas ela está sendo considerada suspeita por falta de informações mais detalhadas sobre os resultados obtidos até agora. Essa vacina contém vírus geneticamente modificados.

Outra pesquisa promissora é a da vacina inglesa. Esta também foi desenvolvida e já testada no Brasil, em parceria com a Fundação Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. Foi feita a partir de uma tecnologia chamada de vetor viral recombinante, que usa a versão enfraquecida de um adenovírus. As reações ao receber esse imunizante são inchaço ao redor do local da injeção, febre, dores musculares, que são esperadas para vacinas virais.

Ainda não é possível afirmar se as vacinas que estão sendo testadas são completamente confiáveis. Os testes, porém, apontam resultados que poderão levar à imunidade.



Com isso, vimos que o ato de se vacinar não é apenas importante. É essencial. Os índices de mortalidade alta são um dos principais fatores para que vacinas sejam desenvolvidas. O potencial de morbidade também precisa ser levado em consideração, ou seja, deixar as pessoas com sequelas graves, como é o caso da poliomielite. Hoje, estamos com diversas doenças que foram erradicadas por causa disso. Mas, apesar de todas essas informações provando que a vacina é necessária, ainda há pessoas que não acreditam nesse fato. Elas fazem parte do movimento antivacina.

Mesmo já existindo pessoas que desconfiavam da eficiência e segurança da vacina, a comunidade médica acredita que o movimento antivacina teve um real desenvolvimento em 1998. Muitos acreditam que a decisão de tomar a vacina é algo completamente unitário. Entretanto, as campanhas de vacinação afetam a sociedade inteira. Por exemplo, a partir do momento em que crianças não são mais vacinadas, é criado um grupo suscetível a contrair determinadas doenças. Como portadoras dos agentes infecciosos, propaga-se a doença para outros dois grupos: os que também escolheram não tomar as vacinas, mas também os que, por algum motivo, não podem tomá-las e estariam vulneráveis. Nesse último caso, encontram-se os que ainda não têm idade para serem imunizados contra certas doenças e os que têm alguma deficiência imunológica. Com isso, a sociedade fica ainda mais exposta a surtos de doenças infecciosas.

A partir disso, em relação à questão-problema, “Será que a crença de alguns países em relação à ciência pode interferir na vacinação contra a covid-19?”, chegamos à conclusão de que ela pode interferir nessa vacinação. A partir do momento em que há pessoas que não acreditam que a vacina seja uma solução, e não participam ativamente das campanhas de vacinação, pode-se,

como apontado no parágrafo anterior, expor populações a surtos infecciosos, como o da Covid-19. Assim, é preciso ter atenção e orientações mais rígidas às populações antivacina para que não haja surtos incontroláveis de diferentes doenças.